



## Poemas selecionados

**Matheus de O. L. M. Bueno\*\***

São Paulo, Brasil.

benvegia@gmail.com

### Saída do Egito

Eis que o dia se acerca  
de sair deste Egito  
de ser liberto do ciclo  
de fumaça e sopro.  
Estranhamento da noite  
em seu lugar uma terra  
habitual, familiar  
longe do ishuv  
cercado de si.  
O lugar no deserto, já preparado  
a nuvem e o fogo  
nos protegem do ímpeto  
indomável de querer  
se acostumar ao exílio  
interior, passando os dias  
com arfar descontente  
deste fardo acumulado.  
Suspiro tão certo, quase lá  
a hora certa de viver em tendas  
e confiar na providência.  
E se chorar, chorei;  
que a hora passe  
e o choro caia  
canção que muda o tom  
sem repetir o tema  
suspenso fogo  
coluna de milagres diários  
seremos livres  
se confiarmos.

---

\* Poeta com quatro livros publicados: *Ouvi* (2017), *Êxodo* (2018), *Carruca na Cidade* (2017) e *Carruca na Loucura* (2018), todos pela editora Córrego.



## **Hanuká**

É véspera de Hanuká  
a menorá repousa solitária  
pelas últimas horas do dia  
em breve há de qual sarça  
arder Divinas bondades.  
Participantes do mundo, nosso  
exílio se faz necessário  
fardo pesado, hostil, carregado  
com olhar fascinado  
milênios atados acendem milagres.  
As franjas despencam das pontas  
do traje e nos fazem lembrar  
da luz, de difundi-la  
aos quatro cantos do mundo.

## **Shavuot em três atos**

*Primeiro ato: profecia*

Fração incalculável  
unidade ilegível  
gravada em sinapses  
unidas em torno da  
palavra precisa.  
Moshe na tenda  
aquele olhar impenetrável  
de humildade  
unido ao segredo Divino  
corpos e almas de todos os tempos  
talhados nas letras.

*Segundo ato: o desvio esculpido em ouro*

E tornamos à escuridão  
confusos e assustados  
rumo ao abismo interior  
tão volátil, tão profundo  
o firmamento de aço  
acarreta o impulso.



O sol desponta, alerta,  
reponta e pausa, reporta  
o reflexo dourado.  
Trazendo a resposta  
para si, para o povo e para a terra  
Moshe venceu a descida e emergiu  
tão confuso quanto incrédulo.  
Há muitos olhos sondando  
o inescrutável destino...  
Escutem! Aquele que falara  
muito antes disso tudo se agrupar;  
Persegue! o pensamento  
revestido e contraído  
degraus, escada sem fim,  
as pedras partidas e entre elas  
silêncio.

*Terceiro ato: um novo começo*  
Bendito Aquele que separa  
fixo e etéreo.  
Bendito Aquele cujo verso  
ilumina toda a terra  
e na palavra criadora  
uma cesura discreta na elisão Ele fez.  
Ele, que com amor eterno nos guarda  
pelas eras e terras  
de um ponto a outro do globo.  
E assim, sem pensar  
duas vezes  
fizemos e ouvimos  
e transmitimos  
e guardamos  
e unificamos  
Teu Nome em cada  
mínima centelha distraída  
pelo caos do mundo imperfeito  
criado para o consertar humano.  
E é verdade sim que nos livraste do perigo:  
o mar se abriu, Teu povo passou e cantou  
e desde então cada decreto revogado



por Teu povo há de ser  
lembrado e Tu serás lembrado.  
Três passos para trás.  
Três passos para a frente.  
A curvatura do devoto  
transporta a filha de Sião a  
qualquer canto do Universo.

### **Criação do Mundo (Beriat haOlam)**

Um relâmpago descarrega seu fervor  
no cume, no topo, no ápice apical  
daquela primeira montanha erguida  
após os céus cerzidos serem.  
Palavra trôpega é sintoma desta guerra  
entre o lido e o escrito, o resultado tarda  
e reverbera em mar aberto aquele monte  
desaba e cai tacitamente.  
Minérios corrosivos vão se diluindo  
já não são rochas, já não são vozes, nem seres  
um suspiro impalpável desata a memória:  
maré reclusa se contenta.  
Houve a noite, houve tudo, houve a manhã,  
o canto das horas sem lugar e do espaço sem tempo:  
uníssonos universal, mistério do barro  
antigo, moldado, acabado.  
Houve os abismos, houve os trópicos, as vozes  
descaminhos e medidas, a sede, a fome:  
imagens livres formas puras refletiram  
crateras se fecham e montanhas se edificam.  
Houve o repouso, houve a pausa, o intervalo  
espontâneo dos instantes reconstruídos:  
houve a dúvida, houve a ideia e houve o verso  
um vendaval de todos, houve, enfim, poema.

### **Vá para ti mesmo (Lech Lechá)**

O ponteiro batendo, este tempo:



edifício de quatro mil anos  
terrestres, um homem, sozinho  
entre rios, ele escuta uma voz,  
percebe a mensagem, entende  
a missão, ele ouve, contempla  
as estrelas, são tantas no céu,  
não sabe se nota o infinito  
no espaço ou no tempo,  
de idade avançada, a cosmogônica  
metáfora reside no céu e também  
sobre a terra, nos grãos incontáveis ou  
brilho estelar, um ato sagrado demarca  
no corpo, desbrava o caminho, ele vai,  
andarilho sem medo, por cada um dos testes.  
O riso da esposa nomeia o milagre, e no  
altar ele amarra, os olhos marejados,  
um anjo desata o mais árduo dos nós,  
e depois todos sabem, tamanha humildade  
jamais cogitou definir os caminhos de toda  
uma espécie, a sobrevivência, seja em  
deserto ou no gelo, no centro de tudo,  
como é possível haver tantos milagres?  
O brilho visado no céu, a ciência da  
mente, a lei que é eterna converge à lei  
relativa, tamanha loucura não morre  
nos livros, dá vida e sustenta, a esperança  
é o legado mais vivo, poetas, profetas,  
amor à justiça, ao diálogo,  
são tantas metáforas naquelas estrelas,  
ideias se chocam, se unem, divergem, mas vivem.  
E a espada empunhada tentou destruir,  
tentou apagar, tentou sufocar, forçar a  
renúncia, a aliança legada, tão viva  
vigora e vigora, por todos os lados da  
história, ele sabe, agora ele sabe,  
ninguém tem poder, nem sequer permissão  
de anular este fato, a certeza plenamente  
irrevogável, qual árvore imensa, despeja  
seus frutos, tão alta que é, nutre todos os  
cantos da esfera, há no exílio



uma prova de haver um milagre  
em cada detalhe  
de que o sol sempre nasce  
de que a vida não para no respiro final.

### **Singularidade**

Pode haver poema ou mesmo verso  
singularidade adentro?  
O ritmo paulatino emite  
imagens dos enigmas, o  
horizonte do evento não pode  
ser traçado sem a lente metafórica.  
Fia o verso inteiro e separa seus morfemas  
enfileira os sons e some  
a música da ideia  
tempo e entropia encontrar na ruptura  
espaço em branco  
habita o escuro  
silêncio  
não percebe tempo  
temia por perto  
romper  
rima trepida  
varia  
tanta mente  
em tudo retida  
diante de tudo:  
o infinito finalmente revelado  
ausência  
nada escapa e deixa de existir  
só pode concebido ser o infinito  
enquanto ausente de mistérios  
na unificação de tudo  
não pode haver percepção  
eis o paradoxo da informação.

----

Enviado em: 12/02/2024

Aprovado em: 29/02/2024